



A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA RELAÇÃO LIBERDADE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Otacílio dos Santos Silveira Neto *

Desde meados do século passado a busca pelo desenvolvimento econômico tem sido uma preocupação constante de países que ainda não alcançaram tal status como é o caso do Brasil. Comparando-se com os demais países desenvolvidos como Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha ou ainda os países nórdicos, fica sempre um questionamento que vem desde o século passado atormentando a vida daqueles – em especial os economistas – que procuram explicar porque determinados países – principalmente os nórdicos – alcançaram tão alto grau de desenvolvimento ao passo que outros como o próprio Brasil, riquíssimo em recursos naturais, vivem em condições de miséria.

Esse questionamento ganha contornos ainda mais intrigantes se compararmos a partir da colonização da América, iniciada no século XVI. Como podem povos de cultura tão semelhantes, colonizados na mesma época (toda a América, seja ela latina ou anglo-saxã foi colonizada a partir do século XVI por povos europeus) pelos mesmos povos, com os mesmos costumes serem tão díspares em qualidade de vida e desenvolvimento econômico?

Desde a Terra do Fogo no extremo sul da América do Sul até a fronteira do México com os Estados Unidos, a América Latina vive na pobreza, assolada pelas más condições inerentes ao subdesenvolvimento, ao passo que passada a fronteira com os Estados Unidos entra-se no país mais rico do mundo e caminhando-se ainda para o norte, no Canadá, adentra-se no país de melhor qualidade de vida do mundo, segundo dados fornecidos pelo próprio Banco Mundial. Por óbvio deve haver algo que possa explicar tal fenômeno. E há: o grau que cada um desses povos ao longo dos anos concebeu à liberdade de seus cidadãos.

* Professor do Departamento de Direito Público da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Direito Público pela Universidade de Zaragoza.

De fato, se olharmos os países desenvolvidos no mundo vê-se com facilidade que só existem dois deles: os países de religião protestante e o Japão. Apenas esses dois países conseguiram alcançar o grau de desenvolvimento econômico que serve de parâmetro para os demais países, inclusive para o Brasil. No nosso caso específico, a América Latina, podemos observar que toda ela é católica ao passo que os dois países de cultura anglo-saxã da América, Estados Unidos e Canadá, são protestantes. Mas como o fato de uma religião por si só pode ser responsável por um fato dessa magnitude?

As razões disso são encontradas na formação cristã da Europa medieval - da qual inclusive decorre a nossa de país católico. No século IV depois de Cristo como se sabe, o Império Romano atravessou uma fase muito difícil em razão da constante fragmentação de suas fronteiras e do poder do imperador que já não conseguir tanta penetração junto aos seus súditos. E a razão para isso era essencialmente o rápido crescimento do cristianismo por toda a Europa e Oriente Médio o que passou a fragilizar a imagem do imperador junto aos seus súditos como um ser divino. Em razão dessa situação, o imperador romano Constantino (Flávius Valérios Constantinus) em 330 DC converteu todo o império ao Cristianismo, de forma que a partir dessa data a religião oficial do império passou a ser a religião cristã. Essa situação perdurou até o século XVI quando surge o *Cisma do Ocidente*, ocasionado pelas pregações do monge alemão *Martin Lutero*. Lutero, embora fosse um apaixonado pelo catolicismo, em razão de seus estudos passou a questionar determinados posicionamentos da Igreja Católica que à sua ótica não refletiam a verdadeira palavra de Cristo. De fato, com se sabe, à época a Igreja Católica não via com bons olhos aqueles que adquiriam patrimônio além do suficiente à sua subsistência. Condenava a usura, o lucro além do necessário à manutenção da vida, a atitude dos comerciantes que viviam da especulação de mercadorias – em especial os judeus.

A Reforma Protestante veio a romper com esses paradigmas e a incutir em seus seguidores que dentre as formas de salvação da alma, uma delas e das mais importantes dava-se pelo trabalho honesto, pela expansão dos negócios e pela geração de riqueza como fruto do trabalho do homem junto aos seus semelhantes. Aquele que tem o dom do comércio deve ser incentivado a desenvolvê-lo por ser uma dádiva de Deus. A aquisição do lucro feito honestamente nada mais é do que o fruto do trabalho do cristão, que a expansão da economia faz parte de um processo natural de desenvolvimento do homem junto à sociedade e como tal deve ser incentivada pela sociedade e pelo Estado. Os protestantes fizeram ainda mais, romperam com a Igreja Católica e criaram sua própria Igreja, com seus próprios dogmas, muito mais liberais do que aqueles trazidos pelo catolicismo. Basta lembrar que Lutero, antes proibido do matrimônio pela Igreja Católica, casou-se e teve filhos. Que também foi Lutero

que explicou para seus seguidores que a leitura e interpretação da bíblia podiam ser feitas por qualquer um e não apenas pelos padres aliás, foi ele mesmo a primeira pessoa na Europa a traduzir a Bíblia do latim para o alemão justamente para que as pessoas pudessem ter acesso livre aos ensinamentos de Cristo.

Em razão da falta de penetração da Igreja Católica nos rincões mais distantes de Roma como a própria Germânia, a Inglaterra, a Holanda e os países nórdicos, associada ainda à dificuldade com a língua, o protestantismo nesses países floresceu rapidamente e o século XVIII veio permeado de todos os instrumentos necessários ao desenvolvimento econômico desses países: liberalismo econômico, incentivo à expansão econômica por meio do trabalho do cidadão e o recente surgimento do capitalismo. Esses três fatores fizeram com que os países protestantes (Inglaterra, Holanda, Suécia, Alemanha, Dinamarca e demais países protestantes) se desenvolvessem rapidamente ao passo que aqueles (como Portugal, Espanha, Polônia, Rússia e Grécia) permanecessem estagnados economicamente.

Essa forma de concepção do desenvolvimento econômico dos países protestantes também foi vista por *Marx Weber* que escreveu no início do século passado seu clássico “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”, onde procura identificar porque os países protestantes - como a própria Alemanha onde ele nasceu - desenvolveram-se ao contrário dos católicos como a Polônia, país vizinho que permaneceu estagnado economicamente durante séculos (aliás, a Polônia, assim como os demais países bálticos Letônia, Estônia e Lituânia, ainda são alguns dos países mais pobres da Europa).

De fato se observamos a Europa é fácil perceber que existe uma diferença gritante de grau de desenvolvimento econômico e social entre os povos protestantes e aqueles católicos, veja-se alguns exemplos: i) os povos bálticos, são católicos e são pobres ao passo que os povos escandinavos, que são protestantes e estão a apenas 120 quilômetros de distância deles formam os povos mais desenvolvidos do mundo; ii) a Finlândia tem uma das melhores qualidades de vida do mundo e é protestante ao passo que a Rússia sua vizinha de fronteira que é católica ortodoxa é pobre; iii) a América Latina inteira que é católica é pobre ao passo que os Estados Unidos e o Canadá são protestantes e são ricos.; iv) até o final do século XVI a Espanha era o país mais rico da Europa, quando a partir do século XVII começa a ser superada economicamente pela Inglaterra. Não por coincidência é justamente nessa época que a Inglaterra se torna protestante com o rompimento de Henrique VIII, então Rei da Inglaterra, com a Igreja Católica. Após sua morte sobe ao trono sua filha a Rainha Elizabeth, a virgem, a primeira rainha protestante da Inglaterra. Seu reinado, de extrema prosperidade – foi durante seu reinado que começou a colonização dos EUA, pelo Estado Americano da Virgínia, em homenagem a Rainha Virgem – é conhecido ainda nos dias de hoje como “*A era de ouro*”,

fase de grande prosperidade na Inglaterra que durou trezentos anos e culminou com a Revolução Industrial no século XIX.

Dentro desse contexto, três questões chamam a atenção: i) a Itália é rica e é católica; ii) A Irlanda é rica e é católica e; iii) a França é rica e é católica. A princípio poder-se-ia parecer que existem exceções a esse entendimento, mas não é o caso, essas três questões apresentadas não são exceções, muito pelo contrário, corroboram a regra.

No caso da Itália é importante que se diga que ela só é desenvolvida na sua parte Norte (onde se situa o centro financeiro e industrial do país, aliás, a Bolsa de Valores da Itália tem sua sede na cidade mais rica da Itália, Milão, que fica no Norte do país) o sul é tão pobre como qualquer país latino e na medida em que se adentra mais ao sul vê-se a disparidade entre o Norte, industrializado e protestante e o Sul, católico e agrário.

A Irlanda, de todos os países da Europa é aquele que de longe demonstra o desenvolvimento dos países protestantes e o atraso dos católicos. Como se sabe a Irlanda é um país católico ao contrário da Grã-Bretanha, sua vizinha, que é protestante. Embora a Irlanda hoje seja um país desenvolvido, até a década de 60 era um dos países – senão o mais – mais pobres da Europa, até essa década, quase metade dos Irlandeses haviam deixado seu país simplesmente fugindo da fome e da miséria. É conhecida da história mundial *A Grande Fome Irlandesa* que assolou a Irlanda no século XIX e foi responsável por dizimar quase vinte por cento de sua população. Esse país só começa de fato a se desenvolver quando no final da década de sessenta entra na União Europeia (basicamente formada por países protestantes) e aí lhe é imposto um rigoroso programa de abertura econômica e incentivo a atividade empresarial privada. Nesse contexto até o final do ano de 2008 a Irlanda desponta como o “Tigre Celta” e consegue alcançar o desenvolvimento econômico.

A França, embora seja de fato um país católico, sofre profunda influência dos países protestantes que estão ao seu redor, principalmente a Alemanha, sua maior vizinha de fronteira o que lhe impõe o seguimento de um padrão razoável de liberdade econômica, mas deve-se sempre lembrar que a França é bem menos desenvolvida do que a Alemanha (país mais rico da Europa e não por coincidência, berço do protestantismo). Por fim, ainda quanto a França deve-se considerar também que a parte mais desenvolvida da França é o Norte, de forte formação protestante, ao passo que o Sul na fronteira com a Espanha é a região menos desenvolvida e com porcentagem maior de católicos.

Na verdade a conclusão que se pode retirar desse contexto é que a condição de ser ou não protestante não é o fator determinando ao desenvolvimento ou subdesenvolvimento de um país. O fator determinante é a liberdade atribuída à sociedade, seja essa liberdade de mercado, de pensamento, de imprensa ou de crença. Os protestantes no século XVI romperam

com a Igreja Católica pela forma sufocante como eram tratados por povos que sequer falavam sua língua e impunham-lhes condições que impediam seu desenvolvimento econômico. A inserção da liberdade, o respeito ao Direito de Propriedade e o incentivo a acumulação de capital por meio da valorização do trabalho – como nós sabemos, pedra de toque do capitalismo – foram os fatores determinantes para o desenvolvimento desses povos em contraste com aqueles - como nós - que permaneceram ligados ao catolicismo.

E não poderia ser de outra forma, entre dois povos, um cujo povo é educado à valorização do trabalho e incentivado a expansão econômica e outro cujo povo é educado para o trabalho necessário à sua subsistência, é absolutamente natural que os primeiros povos desponham em termos de desenvolvimento em detrimento do outro. Corroborar esse entendimento o Estado de Israel, único país desenvolvido do oriente médio. Observe-se que quando o imperador Constantino converteu o império romano ao cristianismo os judeus ficaram de fora, não se tornaram cristãos. Para poderem sobreviver tiveram que se dedicar com todas as forças a atividade empresarial, pois como não eram considerados cidadãos romanos, não podiam usufruir dos benefícios do Estado, como ter emprego público por exemplo. Tiveram que acumular capital e expandir seus negócios, cultura que foi incorporado ao Estado de Israel que como se sabe é um país desenvolvido. É sabido que os judeus são conhecidos pela sua capacidade empreendedora e é daí também que vem a bifurcação existente até hoje entre o Direito Civil, feito para os cidadãos romanos e o Direito Comercial feito para os não romanos como os judeus. Observe-se o que Direito Comercial é muito calcado nos usos e costumes justamente porque os judeus não tinham o direito de produzir leis de efeito geral.

Esses aspectos, à nossa ótica, demonstram a todas as luzes a importância da inserção na gestão econômica brasileira rumo ao seu desenvolvimento dos fatores liberdade econômica, respeito ao Direito de Propriedade e incentivo a atividade empresarial, fatores que, embora possam parecer simples, estão profundamente separados de nossa gestão econômica, não por uma opção deste ou aquele governo, mas por fatores culturais encravados há séculos na nossa sociedade. Não é por outra razão que Amartya Sen, venceu o Prêmio Nobel de economia em 1998 com sua tese intitulada *Desenvolvimento como Liberdade*. Para ele “*O desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de cidadão*”.